

Como citar: MORAIS, Antônio José Pereira. *Multiculturalismo: um olhar foucaultiano para a orientação sexual*. In: Revista Digital Simonsen. Rio de Janeiro, n.3, Nov. 2015. Disponível em: <www.simonsen.br/revistasimonsen>

Pedagogia

MULTICULTURALISMO: UM OLHAR FOUCAULTIANO PARA A ORIENTAÇÃO SEXUAL.

Por: Antônio José Pereira Morais¹

Resumo

O presente estudo versa sobre a possibilidade de articulação de um campo de pesquisa em educação sexual, tomando como referência o multiculturalismo e a abordagem teórica do pesquisador Frances Michel Foucault, que se volta à busca de respostas à pluralidade cultural e ao desafio a preconceitos e estereótipos a ele relacionados como a outros campos do saber imprescindíveis para a discussão da temática sexo e sexualidade humana na escola, analisa a possibilidade de conhecimentos de outras ciências e áreas como a biologia, psicologia, antropologia, filosofia, medicina, sexualidade, política, história, religião entre outros. Considerando o multiculturalismo central e uma época marcada pelos conflitos e demandas relacionadas com vários aspectos que não só aprofundam temáticas caras ao campo multicultural, mas que também incorporam um novo olhar sobre a sexualidade humana. Nesse sentido, em uma nova perspectiva de um currículo sem fronteiras, defende que o olhar multicultural deve incidir não só sobre o currículo referente às ciências humanas e sociais, mas também em todas as áreas afins para uma compreensão global com uma perspectiva multicultural do desenvolvimento integral do aluno enquanto pessoa humana.

Palavras-chave: Multiculturalismo, currículo, orientação sexual, sexualidade humana.

Quando falamos em educação sexual, temos que levar em consideração a sexualidade como algo inerente a vida em todos os seus aspectos e realidade sociocultural. Segundo os parâmetros curriculares nacionais é de suma importância incluir a educação sexual como tema

transversal nos currículos escolares, isto é, discorre sobre o papel e a postura do educador, descrevendo, para tanto, as referências necessárias e a melhor atuação educacional para tratar deste assunto. O referido documento determina como objetivo primordial a promoção de reflexões e discussões entre

¹ Mestre em Educação pela Universidade Católica de Petrópolis (2012). Possui graduação em Bacharel em psicologia pela Universidade Gama Filho (1985), graduação em Formação de psicólogo pela Universidade Gama Filho (1986) e graduação em Licenciatura em Psicologia pela Universidade Gama Filho (1985).

técnicos, professores, equipe pedagógica, pais e responsáveis com a finalidade de sistematizar a ação pedagógica no desenvolvimento dos alunos levando em conta seus princípios morais, valores e os direitos humanos. Por isso o tema sexualidade está presente no dia a dia da escola, em todos os seus espaços, ultrapassando fronteiras disciplinares e de gênero, permeando conversas e é assunto para ser abordado em sala de aula, é capítulo de livros didáticos, músicas, filmes, peças de teatro, danças e brincadeiras criativas e culturais².

A escola é uma das instituições onde se instalam mecanismos do dispositivo da sexualidade, por isso, o papel do professor é instigar o estabelecimento de tudo que acontece na sociedade e abordar o conteúdo de forma abrangente: gênero, classe, etnia, gravidez, doenças sexualmente transmissíveis, desejos e outros aspectos relacionados. O professor tem um grande aspecto a seu favor que é a ciência e o conhecimento científico que precisa ser trabalhado de forma contínua e não pontuada, levando em consideração os conteúdos estruturados, abrindo brechas para trabalhar as questões da sexualidade. O professor precisa problematizar e desnaturizar os fatos porque não existe o acaso e a escola deve contemplar todos os fatores, trabalhando

texto e contextualmente desenvolvendo nos alunos a argumentação.

Formação de identidade

A formação das identidades depende dos processos de socialização e de ensino e aprendizagem que ocorrem de acordo com as características físicas, cognitivas, afetivas, sexuais, culturais e étnicas dos envolvidos nos processos educativos.

O desenvolvimento da identidade do ser humano, segundo Habermas³, pode ser analisado como um processo de aprendizagem: linguística: para a comunicação; cognitiva: para a busca dos conhecimentos necessários para a vida em sociedade e interativa: para a ação e a interação com o outro.

De uma perspectiva geral, todos os processos educativos devem levar ao desenvolvimento desses três conjuntos de competências.

A educação é o resultado de relações sociais que podem capacitar aqueles que participam do processo educativo para:

- a) *a sobrevivência nas sociedades contemporâneas;*
- b) *a busca da superação da ordem social existente;*
- c) *(os objetivos a) e b);*
- d) *nenhum dos dois objetivos.*

² BRASIL, Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC, 1998.

³ HABERMAS, Jürge. Par a construção do materialismo histórico. São Paulo, Brasiliense, 1983.

Cabe aos participantes dos processos educativos a decisão sobre a ênfase que será adotada. A educação é também um processo social do qual participamos enquanto realizamos uma opção entre diferentes valores e objetivos a serem alcançados.

A escola é um espaço público para a convivência fora da vida privada, íntima, familiar. Ao nos capacitarmos para a convivência participativa na escola, participamos de um processo de aprendizagem que também nos ensina como participar do restante da vida social e como esfera pública democrática, pode possibilitar a capacitação de pais, alunos e educadores para a participação na busca de soluções para os problemas da escola, do bairro, da cidade, do Estado, do País e da vida da espécie humana no Planeta.

A democracia é um processo de negociação permanente dos conflitos de interesses e ideias. Para haver essa negociação permanente é preciso o respeito à diferença. Uma escola que respeita a diferença é uma escola pluralista que ensina a viver em uma sociedade que também é heterogênea. Uma educação democrática é aquela em que todos os envolvidos podem participar na definição dos rumos da educação, e não só os dirigentes, professores, acadêmicos e técnicos.

Para tanto, todos devem ter o direito de falar, opinar e participar nos processos decisórios. É participando que se aprende a participar. Uma escola “perfeita”, na qual

ninguém precisa dar nenhuma opinião, é um desastre educativo. O problema é que o controle e a disciplina, a ideia de ordem, organização e limpeza muitas vezes se tornam prioritários em relação ao direito de participação.

Um ponto de partida para que exista o respeito à diversidade na escola é aceitarmos que os agentes que interagem na escola têm interesses, visões de mundo e culturas diferentes e nenhum de nós tem o monopólio da verdade, da inteligência e da beleza. Daí a necessidade de negociações permanentes para que todos façam concessões, e todos tenham ao menos parte dos seus interesses e valores contemplados no espaço público da escola.

Reconhecimento

Ao tratar das questões sobre sexo e da diversidade humana na escola podemos ter como parâmetro a necessidade de reconhecimento que caracteriza os seres humanos.

Para interpretarmos quem somos como coletividade, ou quem sou como indivíduo, dependemos do reconhecimento que nos é dado pelos outros. “Ninguém pode edificar a sua própria identidade independentemente das

identificações que os outros fazem dele”, nos ensina Habermas⁴

O reconhecimento pelos outros é uma necessidade humana, já que o ser humano é um ser que só existe através da vida social.

Como também nos ensina Charles Taylor⁵, “um indivíduo ou um grupo de pessoas podem sofrer um verdadeiro dano, uma autêntica deformação se a gente ou a sociedade que os rodeiam lhes mostram como reflexo, uma imagem limitada, degradante, depreciada sobre ele.”

Um falso reconhecimento é uma forma de opressão. A imagem que construímos muitas vezes sobre os portadores de deficiências e grupos subalternos, pobres, negros, prostitutas, homossexuais, é deprimente e humilhante para estes e causa-lhes sofrimento e humilhação, ainda mais por que tais representações depreciativas são construídas quase sempre para a legitimação da exclusão social e política dos grupos discriminados.

Para que haja respeito à diversidade na escola é necessário que todos sejam reconhecidos como iguais em dignidade e em direito. Mas para não nos restringirmos a uma concepção liberal de reconhecimento, devemos também questionar os mecanismos

sociais, como a propriedade, e os mecanismos políticos, como a concentração do poder, que hierarquizam os indivíduos diferentes em superiores e dominantes, e em inferiores e subalternos.

Em outras palavras, ao considerarmos que os seres humanos dependem do reconhecimento que lhes é dado, estamos reconhecendo que a identidade do ser humano não é inata ou pré-determinada, e isso nos torna mais críticos e reflexivos sobre a maneira como estamos contribuindo para a formação das identidades dos nossos alunos.

Como ainda nos ensina Taylor⁶ “a projeção sobre o outro de uma imagem inferior ou humilhante pode deformar e oprimir até o ponto em que essa imagem seja internalizada”. E não “dar um reconhecimento igualitário a alguém pode ser uma forma de opressão”.

Porém, quando afirmamos que “todos os seres humanos são igualmente dignos de respeito”⁷ isso não pode significar que devemos deixar de considerar as inúmeras formas de diferenciação que existem entre os indivíduos e grupos.

Devemos fornecer o apoio e os recursos necessários para que não haja assimetria, desigualdade nas oportunidades e no acesso aos recursos. De novo Taylor⁸: “Para aqueles

⁴ HABERMAS, Jurge. Par a construção do materialismo histórico. São Paulo, Brasiliense, 1983.

⁵ TAYLOR, Charles. Multiculturalism. New York: Princeton, 1994. P. 58.

⁶ IDEM, PP.58.

⁷ IBDEM, PP 65.

⁸ IBDEM, PP 64.

que têm desvantagens ou mais necessidades é necessário que sejam destinados maiores recursos ou direitos do que para os demais”.

Multiculturalismos e tolerância

As sociedades contemporâneas são heterogêneas, compostas por diferentes grupos humanos, interesses contrapostos, classes e identidades culturais em conflito. Vivemos em sociedades nas quais os diferentes estão quase que permanentemente em contato. Os diferentes são obrigados ao encontro e à convivência. E são assim também as escolas.

As ideias multiculturalistas discutem como podemos entender e até resolver os problemas gerados pela heterogeneidade cultural, sexual, política, religiosa, étnica, racial, comportamental, econômica, já que teremos que conviver de alguma maneira. Stuart Hall (2003) identifica pelo menos seis concepções diferentes de multiculturalismo na atualidade:

1. *Multiculturalismo conservador: os dominantes buscam assimilar as minorias diferentes às tradições e costumes da maioria;*
2. *Multiculturalismo liberal: os diferentes devem ser integrados como iguais na sociedade dominante. A cidadania deve ser universal e igualitária, mas no domínio privado os diferentes podem adotar suas práticas culturais específicas;*
3. *Multiculturalismo pluralista: os diferentes grupos devem viver separadamente, dentro de uma ordem política federativa;*
4. *Multiculturalismo comercial: a diferença entre os indivíduos e grupos deve ser resolvida nas relações de mercado e no*

consumo privado, sem que sejam questionadas as desigualdades de poder e riqueza;

5. *Multiculturalismo corporativo (público ou privado): a diferença deve ser administrada, de modo a que os interesses culturais e econômicos das minorias subalternas não incomodem os interesses dos dominantes;*
6. *Multiculturalismo crítico: questiona a origem das diferenças, criticando a exclusão social, a exclusão política, as formas de privilégio e de hierarquia existentes nas sociedades contemporâneas. Apoia os movimentos de resistência e de rebelião dos dominados.*

Os multiculturalismos nos ensinam que reconhecer a diferença é reconhecer que existem indivíduos e grupos que são diferentes entre si, mas que possuem direitos correlatos, e que a convivência em uma sociedade democrática depende da aceitação da ideia de compormos uma totalidade social heterogênea na qual:

- a) *não poderá ocorrer a exclusão de nenhum elemento da totalidade;*
- b) *os conflitos de interesse e de valores deverão ser negociados pacificamente;*
- c) *a diferença deverá ser respeitada.*

A política do reconhecimento e as várias concepções de multiculturalismo nos ensinam, enfim, que é necessário que seja admitida a diferença na relação com o outro. Isto quer dizer tolerar e conviver com aquele que não é como eu sou e não vive como eu vivo, e o seu modo de ser não pode significar que o outro deva ter menos oportunidades, menos atenção e recursos.

A democracia é uma forma de viver em negociação permanente tendo como parâmetro a necessidade de convivência entre os diferentes, ou seja, a tolerância. Mas para valorizar a tolerância entre os diferentes temos que reconhecer também que precisamos aprender a conviver com pessoas e grupos oriundos de tradições culturais diversas e desiguais socioeconomicamente.

A sexualidade numa visão de Foucault

[...] seria inexato dizer que a instituição pedagógica impôs um silêncio geral ao sexo das crianças e dos adolescentes. Pelo contrário desde o século XVIII ela concentrou as formas do discurso neste tema: estabeleceu pontos de implantação diferentes; codificou os conteúdos e qualificou os locutores. Falar do sexo das crianças, fazer com que dele falem os educadores, os médicos, os administradores e os pais; ou então, falar de sexo com crianças, fazer falarem elas mesmas, encerrá-las numa teia de discursos que ora se origina a elas. Ora falamos delas. Impondo-lhes conhecimentos canônicos ou formando, a partir delas, um saber que lhe escapa – tudo isso permite vincular a intensificação dos controles à multiplicação dos discursos. A partir do século XVIII, o sexo das crianças e dos adolescentes passou a ser importante foco em torno do qual se construíram inúmeros dispositivos institucionais e estratégias discursivas⁹.

A obra de Foucault é muito importante para se pensar a questão do corpo, pessoa, gênero e sexualidade e desta maneira compreender a relevância do sexo na formação geral do ser humano.

Seu referencial teórico aborda os conceitos fundamentais de Nietzsche entre outros no livro “A genealogia da moral”, onde ele procura mostrar que os valores do mundo ocidental principalmente no final do século XIX e XX correspondem aos aspectos da história de constituição dos seres, e esta história longe de ser uma história explícita é uma história que silencia, que mascara e disfarça uma hipocrisia fundamental, a hipocrisia da moral cristã, que segundo Nietzsche seria uma vingança histórica na corporalidade criativa e plena do que ele considera ser uma raça no sentido de constituição do seu momento histórico, que precisa ser constituído como um momento verdadeiro por que determina as bases conceituais de como a moral cristã se impõe sobre a raça. Essa idéia de que a história e só a história da hipocrisia onde nada parece ser atual, precisa se tornar compreensível e perceptível para desvelar o que está invisível, esta é a essência fundamental da obra de Foucault.

Para analisar as questões relativas ao sexo e a sexualidade humana é preciso compreender o conceito de valor e do mundo contemporâneo é fundamental compreender os conceitos foucaultianos.

É neste ponto que gostaria de situar a série de análises históricas que este livro é, ao

⁹ FOUCAULT, M. A história na sexualidade: a vontade de saber. 12. Ed. Trad. Maria Thereza da Costa

Albuquerque e J. A. GUIhon Albuquerque, Rio de Janeiro: Graal, 1998. PP.31.

mesmo tempo, introdução e como que uma primeira abordagem: indicação de alguns pontos historicamente significativos e esboço de certos problemas teóricos. Trata-se, em suma, de interrogar o caso de uma sociedade que desde há mais de um século se fustiga ruidosamente por uma hipocrisia, fala prolixamente de seu próprio silêncio, obstina-se em detalhar o que não diz, denuncia os poderes que exerce e promete libertar-se das leis que a fazem funcionar.¹⁰

O autor se coloca como um historiador dos conceitos fundamentais do mundo contemporâneo, demonstrando que aquilo que parece ser na verdade é por que existe uma hipocrisia fundamental onde se constrói o poder. Sua aproximação se dá a partir do discurso que não é necessariamente o discurso falado, mas todas as instituições que incorporam e reprimem todas as formas de expressão e conjuntamente vão trabalhando para produzir corpos, e se procura em compreender como as pessoas e seus corpos se constituem nesse processo histórico de muitos discursos, afirmando que o sexo não é uma condição que preexiste na sua história. Há uma relação histórica da noção sexo que é constituído principalmente da noção subjetiva sobre o sexo e suas verdades que vão sendo construídas a partir da realidade definindo as verdades sexuais. Desta maneira ele procura mostrar como a subjetividade constitui o

conceito de construção de verdades sobre o sexo e a sexualidade humana.

Foucault desenvolve uma análise das ideias vitorianas, onde eram diferentes as práticas e as relações com os corpos, as famílias, e as sociedades de um modo geral, afirmava que existia certa franqueza no modo de falar sobre as coisas, utilizando inclusive a arquitetura e todo um contexto social: prisões, escolas, conventos, hospitais, igrejas e todas as instituições em geral, porém centrava-se na construção das casas e como elas eram divididas, influenciando desta forma nas relações de controle e poder. No final do século XIX e início do século XX começa a haver certa preocupação com o afeto de modo particular. O espaço da afetividade era o familiar e a casa de modo geral, era onde ocorria a troca de carícias e palavras afáveis, com troca de carinho e afeto e o quarto, especialmente o dos pais era o símbolo maior da afetividade dentro desta arquitetura, era no quarto onde havia a feroz troca de afetividade e carícias, e essa relação com a sexualidade nas famílias e na sociedade de um modo geral gerava certa franqueza no modo de falar sobre sexo e sexualidade.

Foucault constrói a ideia da hipótese repressiva embasado nos conceitos de Deleuze e outros filósofos mais contemporâneos para explicar a criação de outra possibilidade

¹⁰ Idem, PP. 14-15.

binária de compreensão da história da sexualidade e do poder que esse saber implica para fugir dos conceitos da psicanálise e do ideário de Freud e Richards, figuras muito importantes que serviram como engrenagem para gerar a compreensão da história da sexualidade e da ciência sexual, figuras marcadas pela dicotomia onde surgiram a ideia de repressão que eram construídas por recalques e faltas que a partir de seu entendimento se liberavam construindo a verdade do ser e de si próprio, liberando potências sexuais como um ciclo de Freud e Richards denominados bio energia do corpo que significa estar sadio e pronto para a sexualidade, a ideia desses conceitos contribuíram para o preenchimento do vazio, contextualizando o conceito de potência e impotência que caracterizavam a falta ou o excesso de algo que está repleto, pronto e pleno.

A crítica de Foucault não é que não exista repressão, seria ilusório pensar desta maneira, para ele a repressão seria a base para se pensar a história da sexualidade, pois seria através da repressão sexual que iremos poder analisar a sexualidade da criança, do jovem, do homem, da mulher do idoso etc.

Convivemos com a ideia de que sempre existe a falta e ela produz uma patologia, que é analisada e compreendida como um déficit que a partir do seu preenchimento e de sua busca define uma concepção sadia de um corpo são e

uma mente sã. O que é importante compreender numa análise da teoria foucaultiana é a questão do discurso, ditos e silenciados, e o conceito de poder que esta pulverizada não só na ideia de que poder é o estado, a escola, a igreja, a família mais em diversos cenários em que ele está articulado de forma mais complexa. O que se produz a partir desses discursos e práticas discursivas vão criar estudos para compreender os distúrbios e as degenerescências, os marginais, o sadismo e a própria questão do incesto e as suas circularidades, cerceadas e vigiadas e como a sua evolução e compreensão se tornam proibitivas ou algo anormal. O controle e a normatização surgem como mecanismos para cercear o controle do corpo e da sexualidade, criando uma forma própria de lidar com tais conceitos.

Falar prolixo, múltiplas formas de lidar com a sexualidade é outra característica de Foucault que determina a ideia de dominação e controle onde há uma possibilidade de resistência onde todos estão articulados e envolvidos de algum modo com as questões sexuais que através do discurso libertadores estão tentando justificar nossas condutas e comportamentos a partir de prática policialesca e de controle que vão gerar o conceito de anormalidade e degenerescência sobre o sexo e a sexualidade.

Na história da sexualidade devemos sempre considerar esses micro poderes e as

instancias mais localizadas, e como isso se alastra para plano maiores e populacionais na questão da sexualidade que acaba gerando uma polícia do sexo, que se preocupa com os discursos que seriam úteis para o bem viver daquela família, da comunidade e da sociedade em geral, na proibição do próprio indivíduo, determinando um conhecimento sobre o seu próprio corpo e das questões do funcionamento do organismo, da mãe em relação a amamentação, da interação, da questão da procriação, manifestando desta forma o controle do próprio estado.

O que Foucault aponta está muito mais ligado a elementos de natureza econômica de utilidades pública e políticas que vão criar normatizações vinculadas a própria sexualidade pos século XVII e XIX.

Em relação a questão da polícia do sexo poderia se pensar em uma polícia numa política dos enunciados ou seja os nomes que são dados ou que são silenciados para se falar de sexo. Usa-se muito no Frances a ideia do ISSO que é o dizer sem dizer, o dizer desdizendo, o nome que se dá para genitália ou outros nomes que se dá dentro do enunciado jurídico para se falar sobre masturbação, coito interrupto e sobre uma série de outras nomeclaturas onde há certo cuidado ou assepsia para se falar sobre sexualidade que simboliza a maneira que pudica da era

vitoriana que de certa forma dissemina e prolifera múltiplas possibilidades de compreensão da sexualidade. Ele dá alguns exemplos como da demonstração pastoral católica.

Segundo Foucault o sujeito antes de ser um corpo em expressão sugeneris de uma autonomia intrínseca, ele é um assujeitado, os alunos/as, os pais, a equipe escolar e apropria escola todos é um produto da própria história dos múltiplos discursos. A partir desta analise percebemos a necessidade de se criar programas de orientação para ser desenvolvida pela própria escola com o objetivo de analisar e compreender a dialógica dos referidos discursos.

Os médicos se dirigem aos diretores dos estabelecimentos e aos professores, também dão conselhos às famílias; os pedagogos fazem projetos e os submetem às autoridades; os professores se voltam para os alunos, fazendo-lhes recomendações e para eles redigem livros de exortação, cheios de conselhos médicos e de exemplos edificantes. Toda uma literatura de preceitos, pareceres e observações, advertências medicas, casos clínicos, esquemas de reforma e planos de instituições ideias prolifera em torno do colegial e do seu sexo.¹¹

O discurso repressivo prolifera então a necessidade de se criar discursos explicativos

¹¹ IBDEM, PP. 34 - 35

e esclarecedores das questões relacionadas ao sexo e a sexualidade humana em sala de aula, nos grupos e na família para esclarecimento dos sujeitos. Todos esses discursos criam pontos focais que privilegiam e determinam os pontos de fixação que vão construir figuras centrais nas quais pode haver uma proliferação discursiva em torno do sexo e da sexualidade: a mulher histérica, a neurastênica, a criança masturbadora, o perverso sexual, o jovem que não atende as expectativas da esposa, que não cumpre o seu papel de reprodutor devidamente entre outros. Para Foucault o importante não é dicotomizar o conceito de poder como uma relação de subordinação, repressão, liberação etc.; mas privilegiar o olhar de outras dimensões do poder que seria essa dimensão do poder produtivo que regula, ínsita, prolifera e produzem corpos dóceis, corpos que são capazes de uma plasticidade e vão formar tanto o objeto de suas repressões quanto a resistência em relação a esse poder que ele instaura. Na verdade esse poder tem a ver com essa proposta de trabalhar a moral do poder, com uma noção de que o poder não se restringe as visões das ciências políticas, filosóficas ou nas ciências sociais em geral, definindo a noção de poder em termos de uma multiplicidade de forças que se ampliam em contraponto as resistências que desta forma vão constituir as relações sociais com uma força que não pode ser facilmente aprendida nesses esquemas

simplistas e dicotômicos por que é um processo muito mais complexo e profundo do que se apresenta.

Do singular imperativo, que impõe a cada um fazer de sua sexualidade um discurso permanente, aos múltiplos mecanismos que a ordem da economia, da pedagogia, da medicina e da justiça incitam, extraem, organizam e institucionalizam o discurso do sexo, foi imensa a prolixidade que nossa civilização exigiu e organizou. Talvez nenhum outro tipo de sociedade jamais tenha acumulando, e num período histórico relativamente tão curto, uma tal quantidade de discurso sobre o sexo.¹²

Foucault faz uma abordagem jurídica do sexo e da sexualidade onde discute através da bio política os padrões de normalidade distinguindo o que é lícito ou ilícito, normal ou anormal, natural ou contra natural, como sinônimo de lei definindo que o é contra a natureza seria ilegal, contra a natureza do corpo através do deslocamento do sangue e da carne numa analogia com a sexo e a sexualidade, dentro dessa questão de contra natureza.

A natureza, em que às vezes se apoiavam, era ainda uma espécie de direito. Durante muito tempo os hermafroditas foram considerados criminosos, ou filhos do crime, já que sua disposição anatômica, seu próprio ser, embaraçava a lei que distinguia os sexos e prescrevia sua conjunção.¹³

Toda fundamentação teórica de Foucault acaba criando uma ciência sexual que normatiza, controla e vigia essas outras múltiplas sexualidades que vão sendo criadas com o desenvolvimento histórico. Quando se

¹² IBDEM, PP. 39

¹³ IBDEM, PP. 35

pensa na hipótese repressiva no nosso imaginário social se pensa objetivamente no modelo heterossexual e a partir desse modelo nada que se encaixa com esse modelo passa a ser considerado como desvio ou conduta patológica, ele mostra como a construção da heterossexualidade pode também por vezes ser considerado como anormalidade ou patologia, sendo então articulado com a ideia da produção de verdades, partindo-se dos erros e da classificação e ordenamentos destes é que você vai identificar o que é real, legítimo correto, sadio ou normal.

Considerações finais

O multiculturalismo procura romper com o preconceito e com o racismo no cotidiano escolar através de uma discussão conceitual rompendo o silêncio e aprendendo a olhar e a enfrentar os desafios.

Com ele percebemos uma interação marcada de vida de autonomia, e criatividade, em contraposição à lógica de produção e reprodução de desigualdades, injustiças sociais, étnicas e culturais. Seu objetivo maior consiste em promover reflexão através de observações para compreender realidades socioculturais e educativas múltiplas, a fim de potencializar caminhos na perspectiva do fortalecimento de redes educacionais que ultrapassem visões societárias e civilizatórias hegemônicas e excludentes, procurando

fomentar a discussão reflexão, práticas e formação continuada livre, com profissionais comprometidos com um mundo sem racismo, machismo, homofóbico, elitista, etc.

Desta forma podemos estimular a compreensão sobre a formação política no espaço da escola contemporânea assentada nas bases de uma democracia discursiva, que depende de processos de entendimento capazes de contemplar todos os membros de um estado de direito. A contemplação de uma democracia baseada na canalização da força comunicativa dos participantes sociais para a realização de metas políticas comuns, capazes de superar diferenças e desigualdades com base no direito que é uma característica fundamental nas sociedades atuais. Em resumo é preciso estabelecer a função da escola na formação integral do cidadão, implementando o caminho necessário para a busca da felicidade, bem como a satisfação de suas vontades e de suas escolhas, abandonando medos e sentimentos negativos, fugindo sempre da ignorância e da escuridão, modificando o seu lugar com esperança, otimismo e alegria. Vislumbrando sempre a qualidade para eleger seu próprio destino.

Referências bibliográficas

- ALTMANN, Helena. *Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. Estudos Feministas*, Vol. 09. Nº2/2001, CFH/CCE/UFSC,2001.
- BRASIL. *Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução aos Parâmetros curriculares Nacionais: pluralidade Cultural, Orientação Sexual*. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- FIGUEIRÓ, M.N.D. *Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível*. Londrina: EDUEL, 2006.
- FOUCAULT, M. *A história da sexualidade 1 : a vontade de saber*. 12. Ed. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque, Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- _____. *A história da sexualidade 2 : o uso dos prazeres*. 8. Ed. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque, Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- _____. *A história da sexualidade 3 : o cuidado de si*. 12. Ed. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque, Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- _____. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo, Martins Fontes, 2010.
- _____. *O governo de si e dos outros*. São Paulo, Martins Fontes, 2010
- FURLANI, J. *Educação Sexual: Do estereótipo a representação – argumentando a favor da multiplicidade sexual, de gênero e étnico-racial*. In: RIBEIRO, P.R.C. (org). *Corpo, Gênero e Sexualidade – Discutindo praticas educativas*. Rio Grande: editora da FURG, 2007.
- GUIMARÃES, *Educação sexual na escola: mito e realidade*. Campinas: Mercado das Letras, 1995.
- HABERMAS, Jurgen. *Para a reconstrução do materialismo histórico*. São Paulo, Brasiliense, 1983.
- HALL, Stuart. *Da diáspora – identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2003.
- LOURO, G. L. *Pedagogia da sexualidade*. (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autentica 1999.
- _____. *Os estudos feministas, os estudos gays e lésbicos e a teoria queer como políticas de conhecimento*. In: LOPES, D. et al. (Orgs.). *Imagem e diversidade sexual*. São Paulo: Nojosa, 2004.
- _____. *Currículo, gênero e sexualidade – o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”*. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J. ; GOELLNER, S. V. (Orgs). *Corpo, Gênero e sexualidade – um debate contemporâneo na educação*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- _____. *Heteronormatividade e Homofobia*. In: JUNQUEIRA, R. D.(Org). *Diversidade Sexual na Educação: Problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Coleção Educação para Todos. Brasília: MEC; SECAD; UNESCO. 2009.
- MAIA, A. F. B. *Orientação sexual na escola*. In: RIBEIRO, P. R. M. (Org). *Sexualidade e educação: aproximações necessárias*. São Paulo: Arte&, Ciencia 2004.
- MEYER, D. E.; SOARES, R. F. R. *Corpo, gênero e sexualidade nas praticas escolares: um inicio de reflexão*. Porto Alegre: Mediação, 2004.
- MOSCOVICI, S. *Representações Sociais: Investigação em psicologia social*: editado em inglês por Gerard Duveen; traduzido por Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, Rio de Janeiro Vozes, 2003
- SAVIANI, D. *Escola e democracia*. 39 ed. Campinas: Autores associados, 2007.
- _____. *Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos*. Revista Brasileira de educação. Rio de Janeiro, v.12, n.34, 2007.
- SUPLICY, M. Et al. *Sexo se aprende na escola*. São Paulo: Olho d`água. 1999.
- VYGOTSKY, L. S. A. *Pensamento e Linguagem*: São Paulo: Martins Fontes, 1998